Selma e a aurora boreal



Avô Lennart

Este livro pertence a

_____

Bem-vindo a este livro de exemplo! É feito tal como será o teu, a partir das fotografias e escolhas mostradas ao lado, e mostra como pode ser uma história da Saga para ti. Folheia, lê e imagina a tua criança como a heroína da sua própria história.

Selma tinha lido sobre a aurora boreal em quase todos os livros que conseguia encontrar. Num livro, faixas verdes dançavam sobre um céu negro. Noutro, dizia que era preciso esperar, esperar, esperar. Agora estava na plataforma, com o seu livro das estrelas na mão, e o comboio nocturno soprava nuvens brancas ao seu lado.

— E se começar a dançar enquanto dormimos? — perguntou Selma. — Então acordas-me — disse o irmão mais velho, Oliver, puxando a mochila. O avô Lennart levantou os bilhetes. — Primeiro encontramos a carruagem. Selma entrou no comboio. Mais uma noite, pensou ela. Em breve estará aqui.



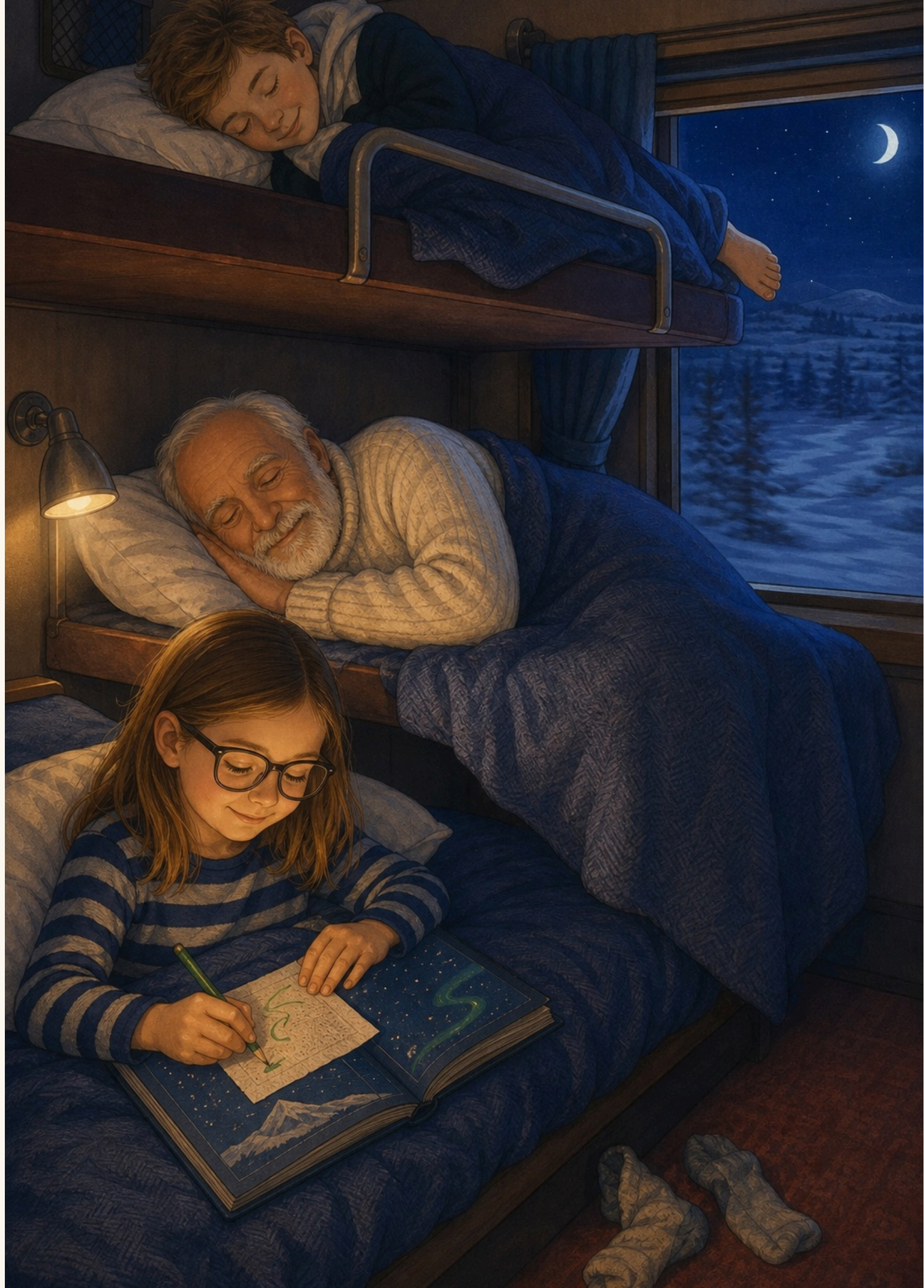


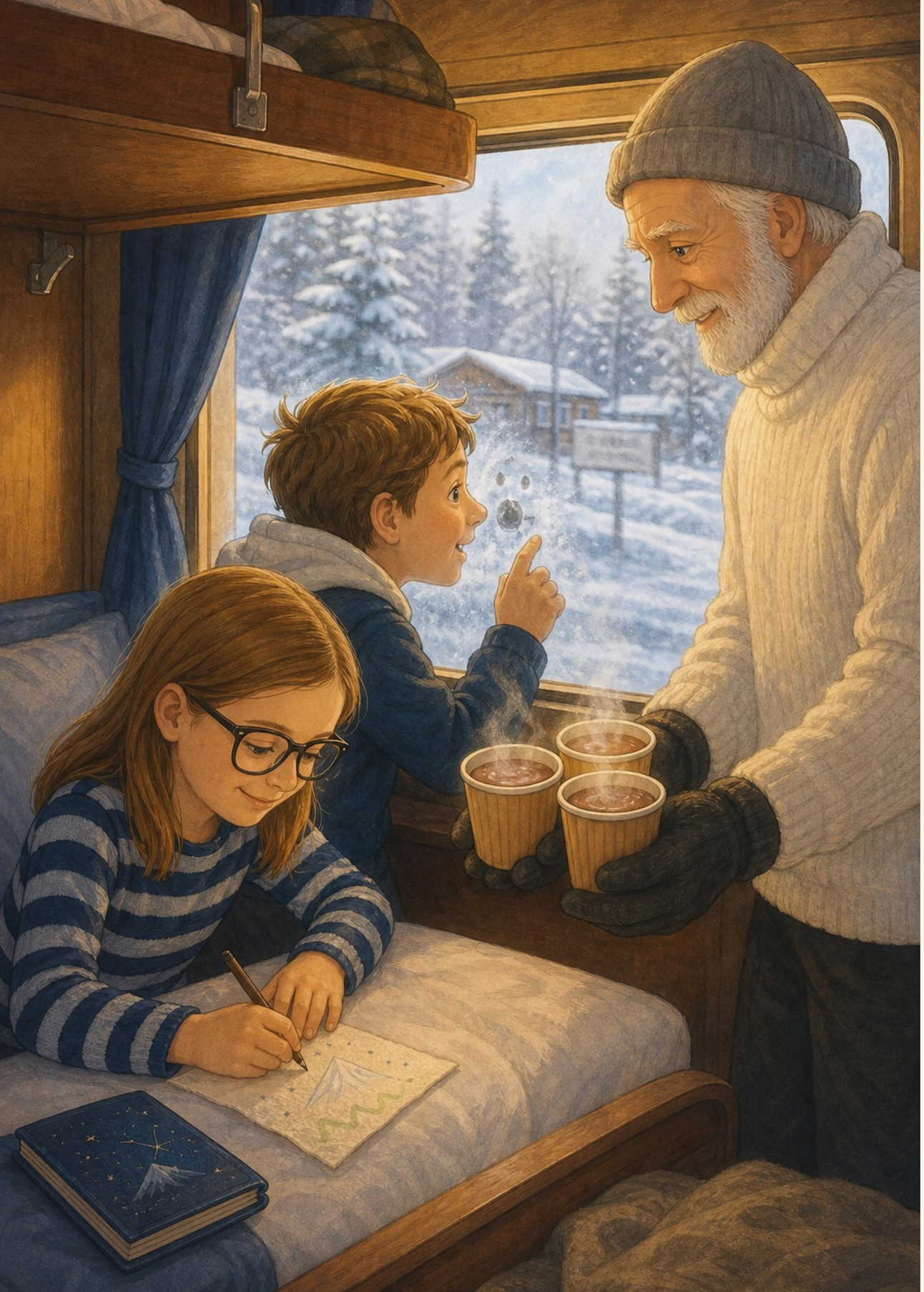
O vagão-restaurante balançava suavemente enquanto o comboio seguia para norte. Selma comia almôndegas com arandos e espreitava entre a cortina e a janela. Os abetos lá fora passavam a correr, como pinceladas pretas.

— Vês estrelas? — perguntou Oliver, com uma batata no garfo. — Três — disse Selma. — Não, quatro. Aquela pequenina também. O avô Lennart inclinou-se para a frente. — As pequeninas vêem-se melhor se olhares durante muito tempo. Selma pegou num guardanapo e fez quatro pontos com a caneta. Oliver desenhou um quinto, embora dissesse que tinha sido apenas uma mancha por engano. O comboio seguia, seguia, seguia.

No compartimento, as camas estavam empilhadas como uma pequena torre. Oliver ficou logo com a de cima. O avô ficou com a do meio. Selma enfiou-se na de baixo e encontrou as meias de Oliver no chão, duas salsichas tristes que tinham perdido os pés.

Quando a luz do tecto se apagou, Selma acendeu a sua pequena luz de leitura. No livro das estrelas havia uma imagem de pessoas, minúsculas sob espirais verdes. Selma desenhou um rabisco verde ao lado dos pontos no guardanapo. Os carris faziam clac-clac, clac-clac por baixo dela. Mais uma noite, pensou Selma, e alisou o guardanapo contra o livro.





Quando Selma acordou, o mundo do outro lado da janela era branco. Abetos brancos. Encostas brancas. Montes brancos nos telhados das pequenas estações. Até o céu era claro como uma folha de papel em branco.

— Neve! — disse Selma, embora ninguém pudesse não ter reparado. Oliver encostou o nariz ao vidro. — Alguém deixou cair farinha por todo o país. O avô Lennart voltou com chocolate quente em copos de papel. Selma desenhou um cume branco no guardanapo, ao lado dos pontos e do rabisco verde. Entre as árvores, passou a deslizar uma placa. Em breve iam sair do comboio.

A aldeia estava quieta entre abetos nevados e suaves encostas de montanha. Quando chegou a noite, Selma vestiu o gorro, as luvas e o casaco grosso. Oliver foi lá para fora com ela, embora dissesse que queria sobretudo experimentar as botas. O avô pegou na lanterna de cabeça, mas deixou-a apagada.

Olharam para cima. Nuvens cinzentas cobriam tudo, desde o fumo das chaminés até à crista da montanha. Nem uma estrela espreitava. — Primeiro obstáculo — disse Selma e escreveu NUVENS no guardanapo. Oliver puxou o cachecol até ao nariz. — Esse obstáculo tem o céu todo lá dentro. Mais uma noite, pensou Selma. Amanhã, talvez as nuvens já tenham ido embora.





Na noite seguinte, as nuvens estavam mais finas. Selma viu um ponto pálido bem alto, talvez uma estrela, talvez uma pequena abertura. Mas as luzes da aldeia brilhavam junto à estrada, nas janelas e na pista de esqui. Por cima dos telhados, o céu era castanho-acinzentado.

— Segundo obstáculo — disse Selma. — Luzes. No guardanapo, NUVENS ganhou a companhia de LUZES. Os pontos, o rabisco verde e o cume branco amontoavam-se agora no mesmo pedacinho de papel. Oliver olhou para fora e abanou a cabeça. — Nunca vai acontecer nada. O avô Lennart abriu um mapa da montanha. Selma viu as linhas redondas de altitude. Mais uma noite, pensou ela.

Na terceira noite, Selma fez uma mala para tudo. O livro das estrelas. O guardanapo. Um cachecol extra. Uma tablete de chocolate. Luvas que eram mesmo dela, e não do Oliver. O avô encheu o termo, e Oliver ficou encarregado de o levar. — Ombros maiores — disse ele, enchendo o peito tanto que quase deixou cair o gorro.

Lá fora, as nuvens pairavam baixas sobre a aldeia, como um cobertor que tivesse escorregado do céu. Selma pôs o mapa em cima das suas coisas. Então o livro, o cachecol e o guardanapo deslizaram para o chão. A tablete de chocolate escorregou para debaixo do banco. — Terceiro obstáculo — disse Oliver. Selma sentou-se no meio da confusão. Agora tinha de olhar melhor.





Selma juntou as suas coisas e alisou o guardanapo no chão. Primeiro os pontos. Depois o rabisco verde. O cume branco. NUVENS. LUZES. Estava tudo ali. Abriu o livro das estrelas na imagem de pessoas longe das luzes da cidade.

Na margem, havia uma pequena montanha por cima do nevoeiro. Selma pôs o dedo no cume branco e depois no mapa do avô. — Se subirmos até ali — disse ela —, as luzes ficam lá em baixo. E se as nuvens também estiverem baixas. O avô Lennart leu o mapa durante algum tempo. — Tempo calmo e trilho assinalado. Dá para ir. Oliver estendeu o chocolate. — Eu levo o termo. Mais uma noite, pensou Selma. Esta noite.

Na última noite, a neve rangia sob três pares de botas. Selma ia à frente pelo trilho assinalado e contava cruzes vermelhas nos postes. Uma, duas, três. Atrás dela, a lanterna de cabeça do avô fazia um círculo quente na neve. Oliver levava o termo com tanto cuidado que andava como se ele fosse feito de vidro.

— Ainda falta muito? — perguntou ele depois de cinco cruzes.

— Ainda — disse Selma. — Mas olha. As luzes são mais pequenas. A aldeia brilhava muito lá em baixo, e as nuvens rastejavam pela encosta. Selma puxou o fecho do casaco até ao queixo. Mais uma noite, pensou ela, mas agora isso significava apenas mais alguns passos.



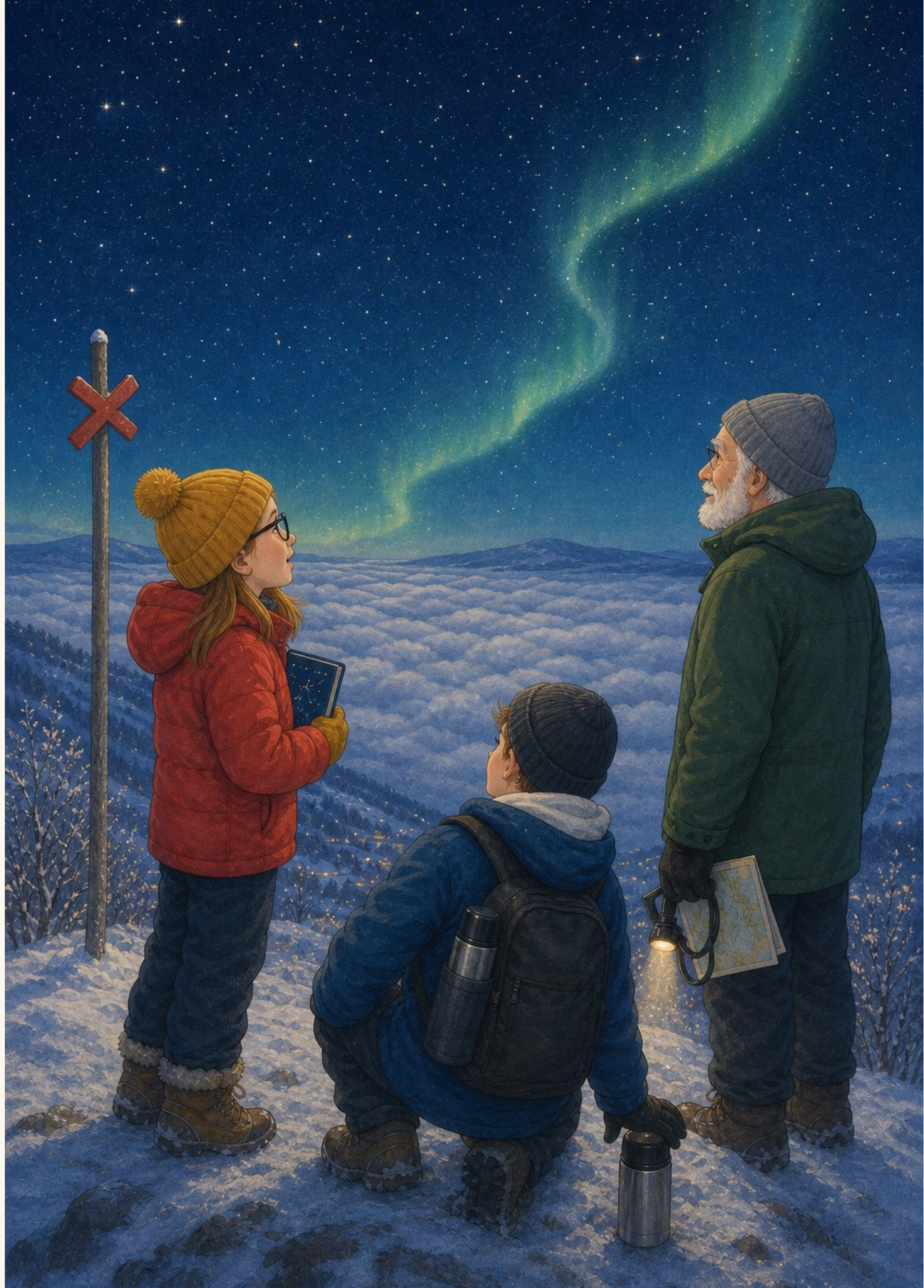


As árvores ficaram mais baixas, mais espaçadas, e depois acabaram. À frente deles, a montanha sem árvores abria-se à luz da lanterna de cabeça. O vento puxava o capuz de Selma e tentava cheirar-lhe as orelhas. Ela deu três passos, e depois mais três.

Oliver parou junto de uma pedra que saía da neve. — Eu bem disse que nunca acontecia nada. Mas não pousou o termo. O avô apontou para a próxima lomba suave da montanha. — Dali conseguimos ver por cima do manto de nuvens. Selma não olhou para trás, para o longo caminho. Apontou para a próxima cruz vermelha. — Primeiro até ali — disse ela. — Depois à seguinte.

Junto ao último poste, de repente ficou tudo mais silencioso. As nuvens continuavam lá em baixo, suaves e espessas sobre a aldeia. Por cima de Selma havia estrelas, mais do que os pontos no seu guardanapo e muito mais brilhantes.

O avô apagou a lanterna de cabeça. Oliver pousou o termo sem fazer barulho. — Ora bem — sussurrou ele. Selma prendeu a respiração. Primeiro viu apenas as estrelas. Depois surgiu uma risca verde pálida por trás da crista da montanha, fina como um traço da sua caneta. Curvou-se. Cresceu. — Oliver — disse Selma. — Agora olha.





A risca verde tornou-se numa faixa. A faixa dobrou-se e esvoaçou, como se o céu sacudisse um longo cachecol de seda. Acendeu-se mais uma faixa. Depois, o verde dançou por todo o céu, bem alto, por cima das nuvens e das luzes.

Ao princípio, ninguém disse nada. Oliver tirou uma luva e voltou logo a pô-la. — É mesmo a sério — sussurrou. O avô deitou chocolate quente em três copinhos. Selma ficou entre os dois, a seguir os arcos verdes até lhe doer o pescoço. Por cima deles, a aurora boreal dobrou-se mais uma vez, ainda mais longe sobre as estrelas.

A tablete de chocolate ficava cada vez mais pequena. Primeiro desapareceram os cantos, depois os últimos quadradinhos. Oliver encontrou uma migalha na luva e comeu-a também. O termo ficou mais leve, enquanto a luz verde continuava a serpentear pelo céu escuro.

Selma tirou o guardanapo. Lá estavam os pontos, o rabisco, o cume branco, NUVENS e LUZES. Desenhou três figurinhas numa montanha e uma grande faixa verde por cima delas. — Posso desenhar mais uma estrela? — perguntou Oliver. Selma passou-lhe a caneta.



Selma e a aurora boreal

Selma, o irmão mais velho Oliver e o avô Lennart apanham o comboio nocturno para as montanhas para ver a aurora boreal. Nuvens, luzes e uma confusão cada vez maior põem-se no caminho, até Selma ler as suas próprias pequenas pistas de uma maneira nova.

pt-pt.sagatilldig.se